



MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE SERGIPE
PROCURADORIA GERAL DE JUSTIÇA
COORDENADORIA DE COMUNICAÇÃO
RECORTE DE JORNAIS

E AGORA? Cinform - 17 a 23/08/2015

Abaís: caso crítico de falta de ação do poder público

Cheia de problemas, população pede providências. Mas, secretário de Obras justifica que praia vive o resultado negativo de construções desenfreadas

Luciana Maria
municipios@cinform.com.br



Maioria das ruas dos loteamentos se encontra alagada



FOTOS ARTHUR LEITE

Caos ambiental se deve a ocupação desorganizada no Abaís

■ Quem nunca ouviu falar no Abaís? A beleza encanta sergipanos e turistas há anos. É um dos locais de veraneio mais requisitados no Estado e, para muitos, uma das melhores opções para passar férias ou feriados.

Entretanto, quem escolheu residir na praia mais badalada do Litoral estanciano tem tido motivos para não concordar com o paraíso o qual a Praia do Abaís sempre foi contemplado. A justificativa maior é o abandono por parte do poder público.

Ségundo a moradora Elizana Maria da Conceição, que escolheu a localidade para ser seu lar há dez anos, os problemas são inúmeros. “A iluminação, as ruas sem saneamento básico. Temos que conviver com a água no joelho nas ruas. Tem sido uma luta”, protesta.

INÚMEROS PROBLEMAS

Elizana garante que já procurou os gestores públicos junto a outros moradores, mas não ouviu respostas animadoras. “Já procurei os responsáveis pelas pastas, mas me informaram que aqui não tem jeito. Como assim não tem jeito? Eu já os procurei demais, mas sempre escuto a mesma coisa”, lamenta.

Para Fabiana Silva, manicure e moradora do Abaís há quatro anos, os incômodos são desagradáveis e já estão invadindo as casas. “As ruas estão muito alagadas e pelo fato de as fossas serem fundas e de não ter um local de escoamento para essas águas, as águas vão para as fossas. O que acontece? Os moradores dão descarga e os dejetos borbulham, fazendo com que não tenhamos mais a possibilidade de fazer as nossas necessidades no banheiro, porque a

casa vai ficar podre”, critica.

A manicure também protesta sobre o carro de lixo, que às vezes, fica até duas semanas sem passar no local. Além disso, ela pontua problemas de eletricidade, informando que as ruas são muito escuras e dão medo, pois nem todos os postes funcionam. “Informaram para a gente que o problema é a crise. Mas, só pedimos coisas básicas. Nós nos sentimos abandonados, mesmo pagando IPTU e aqui sendo um local turístico”, argumenta.

PEDIDO DE OBRAS

Apesar de não ficar em casa durante a semana, Cláudia Chaves Dantas, professora, diz que os moradores são sofrendores. Ela afirma que os pisos da sua rua estão sendo destruídos. Os carros já não passam pelo local, por causa da água. “Fizemos um inves-

timento para morar aqui e precisamos de uma solução, de uma obra que escoe água, pelo menos. A gente quer entrar nas nossas casas. A gente só pede que alguém faça algo. Não podemos fazer a obra de uma rua”, salienta.

Sóstenes Rollemberg, secretário de Obras da cidade, está ciente da problemática local, mas garante que as dificuldades vão além de simples obras. “O problema é judicial. Estivemos em Aracaju, por causa da problemática ambiental do local. É complicado. O Ministério Público marcou uma audiência com as cidades litorâneas para poder regularizar. Acredito que teremos uma solução, mas não sabemos quando”, justifica Sóstenes.

O secretário comenta que o problema é histórico. Segundo ele, em virtude do crescimento urbano desordenado, alguns locais são inviáveis para a obra.

“Houve a ocupação desordenada, em que loteamentos foram criados sem drenagem da terra. Hoje, a gente percebe o que a ocupação desenfreada do homem fez. Poderia ter sido evitada anteriormente. Quando os loteamentos começaram a crescer, ninguém pensou nisso”, lastima.

Ele afirma que, infelizmente, por causa disso as obras não podem ser feitas. E cita a Praia da Caueira, o Mosqueiro, além da Zona de Expansão aracajuana, como exemplos da mesma problemática. “Nesse momento, para alvará de construção, é com a Justiça. Quanto ao saneamento básico, é realmente uma história velha e crítica. Ninguém se preocupou antes e o problema estourou agora. Não drenaram a terra quando começaram a lotear, foram construindo e agora é inviável”, garante. Mas, e aí? ■